

A EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Revista E-Ciência | 9 Fevereiro 2006

Ao longo dos tempos surgem novas palavras devido à necessidade de designar novos conceitos que também eles surgem consoante as necessidades que se vão criando no dia-a-dia. A Internet, por exemplo, abriu caminho a muitas expressões novas na língua portuguesa, a qual não se pode alhear das inovações e das novas realidades. Assim se formam os neologismos ou se adaptam os estrangeirismos.

Neologismos são palavras criadas para designar novas situações, conceitos, factos, objectos, etc, sendo que um neologismo só é sentido como tal durante algum tempo, pois passados anos ou séculos deixam de ter sentido como tal, porque a realidade que ele designa também já não é nova.

De acordo com o Prontuário Ortográfico e guia da Língua Portuguesa, de Magnus Bergstrom e Neves Reis, existem vários tipos de neologismos, tais como neologismos morfológicos, semânticos, terminológicos ou neónimos, literários ou estilísticos, e empréstimos.

No primeiro caso, a palavra nova é formada por derivação ou por composição, como exemplifica o Prontuário Ortográfico: desnuclearização, ibericidade, entre outros. Quando a adaptação é feita de modo a obter conformidade às propriedades morfológicas e fonológicas da língua de destino, os falantes perdem mais facilmente a consciência de que as palavras em questão são empréstimos.

Nos neologismos semânticos dá-se a atribuição de uma nova significação a uma palavra já existente,

como no caso da palavra 'rato' que hoje em dia também designa um dos componentes periféricos do computador. Neste caso, há quase que uma atribuição de novos conteúdos referenciais. Outros exemplos são as palavras papel, figura ou banco.

Os neologismos terminológicos ou neónimos são palavras novas que fazem parte de vocabulários de especialidade, como no caso da economia ou da medicina, e que surgem da necessidade de denominar novos objectos, novas técnicas e teorias, como por exemplo biogenética. Os neologismos literários ou estilísticos são, de acordo com o prontuário ortográfico, utilizados para conferir ênfase ao que se pretende transmitir, ocorrendo, na maior parte dos casos, uma vez só.

Por último, o empréstimo é uma adopção de uma nova palavra, frase ou expressão de uma língua estrangeira. Nesta acepção, empréstimo e estrangeirismo podem ser coincidentes, embora contrariamente ao estrangeirismo o empréstimo esteja perfeitamente integrado no léxico da língua que o acolhe. Ainda segundo informa o Prontuário Ortográfico, alguns

estrangeirismos são adaptados à fonética e à ortografia da língua que os acolhe, enquanto outros mantêm a pronúncia e a grafia da língua de origem, sendo por isso classificados como xenismos. Quer uns quer outros podem ainda dar origem a derivados, como por exemplo scannerização.

Actualmente, com o maior contacto entre os povos, a existência dos grandes meios de comunicação, os produtos das grandes empresas multinacionais que são distribuídos por todo o mundo, a circulação de termos de várias línguas e a sua adopção pelos falantes torna-se mais fácil, especialmente se no seu idioma não existem (ou não se tem a preocupação de procurar) termos que designem adequadamente esses novos produtos ou aspectos da realidade. Contudo, há áreas em que existe uma maior tentação em utilizar estes estrangeirismos, como é o caso da informática, economia, química, física, desporto e, até, filosofia.

Os empréstimos ou estrangeirismos mais frequentes são os de origem inglesa (anglicismos), francesa (galicismos) e italiana (italianismos). Antigamente, os neologismos importados tinham, na sua maioria, origem na língua francesa. Actualmente, em virtude da hegemonia da língua inglesa como canal de comunicação no meio científico, os mesmos surgem quase sempre em inglês, devendo ser morfologicamente adaptados aos vários idiomas. A língua inglesa é assim considerada a que tem maior acervo lexical.

Também os empréstimos provenientes de línguas árabes estão fortemente presentes no Português, existindo um contingente menor de palavras de origem africana, ameríndia e asiática. Havendo ainda um tipo de empréstimo particular, que toma como língua de origem uma das duas línguas de civilização da cultura ocidental, ou seja, o Grego Antigo e o Latim Clássico. Este é um procedimento muito frequente quando os neologismos pertencem a terminologias científicas ou técnicas tendo, muito frequentemente, formas muito próximas nas diversas línguas europeias.

NEOLOGISMOS DA INTERNET

A generalização do acesso e da comunicação através da Internet tem vindo a consubstanciar uma escrita

“alternativa” da língua portuguesa, que a aproxima muito mais da expressão oral, para além de incorporar abreviaturas e estrangeirismos, normalmente provenientes do inglês. Os especialistas na matéria fazem sentir as suas preocupações relativamente a essa nova forma de escrita, vendo-a como uma forma de corrupção linguística.

De qualquer forma, a realidade é que existe um problema da escassez de conteúdos digitais disponíveis em português. E, como em todas as comunidades, a Internet tem uma gíria, repleta de neologismos, em muitos casos importados do mundo das ciências computacionais, noutros resultantes da imaginação, por vezes inteiramente aleatória, de utilizadores das mais diversas extracções e nacionalidades.

EIS ALGUNS DOS TERMOS MAIS UTILIZADOS NA INTERNET:

Browser – software que possibilita a navegação pelo WWW. O Netscape Navigator e o Internet Explorer são, actualmente, os browsers mais utilizados;

Chat – Conversa – software que permite o “diálogo directo” entre pessoas ligadas via Internet

Download – retirar informação. Normalmente trata-se de recolher informação da rede e carregá-la no disco do nosso computador.

Electronic Mail (e-mail, correio electrónico) – a primeira grande aplicação. Permite que mensagens (inicialmente só textuais, mas hoje em dia, graças à WEB pode tratar-se de qualquer tipo de ficheiro) sejam enviadas para qualquer utilizador Internet, que possua um endereço de correio electrónico.

e-mail – designação abreviada para Electronic Mail. Em Português, Correio Electrónico.

Endereço – o mesmo que URL.

FTP – file transfer protocol – protocolo específico para transferência de ficheiros

GIF – graphics interchange format – formato de ficheiro de imagens, fixas ou animadas, particularmente vocacionado para a Internet, por incluir compressão. Existe em duas versões: transparente, em que a imagem aparece gradualmente e cada porção da imagem que aparece apresenta logo o detalhe final; entrelaçado, em que a imagem aparece toda rapidamente mas

com pouco detalhe, sendo esse detalhe melhorado gradualmente.

Hardware – conjunto de material (componente física) que constitui ou está integrado num dado computador.

Homepage (Página de acolhimento) – é, normalmente, a primeira página de um endereço WWW. Costuma conter uma mistura de gráficos e texto, assim como referências (hyperlinks) para páginas com ela relacionadas.

HTML (HyperText Markup Language) – Linguagem normalizada, vinda da SGML, que estabelece como é que o conteúdo e formato de um documento WWW (por exemplo, uma home page) devem ser apresentados e funcionar.

HTTP (Hypertext Transfer Protocol) – protocolo de comunicação utilizado na Web – linguagem de computador normalizada que facilita e gere o acesso a um documento WWW. A estrutura do WWW depende de uma linguagem de computador chamada hipertexto.

Hyperlink – Ligação que permite ter associado a um conjunto de palavras ou imagem o endereço de acesso a outra página HTML (que poderá estar ou não no mesmo servidor) ou a outra parte da mesma página. Normalmente os hyperlinks estão referenciados nas páginas HTML, por uma cor diferente dessas palavras (habitualmente também sublinhadas) ou da moldura da imagem. Por simples pressão do rato, sobre o texto ou imagem é despoletado imediatamente o processo de acesso ao novo endereço. É frequentemente designada, de forma abreviada, por link.

Intranet – rede de computadores com as características da Internet, mas que é própria de uma instituição e serve para difusão interna de informação a ela respeitante. Por outras palavras, é uma espécie de Internet privada, em que os empregados da instituição podem aceder a informação própria e também à Internet, mas em que a informação própria está vedada aos internautas vulgares.

IRC (Internet Relay Chat) – protocolo para “conversar” em tempo real.

Lamer – caloiro, utilizador pouco experiente.

Login – Entrar. Acesso (entrada) a um sistema ou programa informático.

Logout – Saída (abandono) de um sistema ou programa informático.

LOL – laughing out loud: rindo em voz alta

Netiquete – As regras da etiqueta e boas maneiras na Internet.

Newbie – utilizador novato, inexperiente; parecido com LAMER mas com significado menos depreciativo.

Página HTML – conjunto de informação que aparece em simultâneo num ecrã. No caso das páginas WWW, essa informação está toda estruturada e com o aspecto gráfico controlado pela linguagem HTML.

REDIS – Abreviatura de Rede Digital com Integração de Serviços (em inglês designa-se por ISDN e em francês por RNIS). Rede de comunicação telefónica totalmente digital e que permite a transmissão pela mesma linha de sinais vocais ou sons em geral, telefax, dados de computador ou sinais de vídeo.

Realidade Virtual – simulação do mundo real (visão, som, sensações tácteis) por processos inteiramente controlados através de meios electrónicos.

Rede – Net – conjunto de computadores interligados capazes de comunicar entre si.

Servidor (Server) – computador em que corre software específico e que fornece informação ou serviços na Internet.

Software – conjunto de programas que corre, ou está preparado para correr, num dado computador.

URL – (Uniform Resource Locator, Endereço) – conjunto de caracteres usado pelos Browsers WWW para identificar uma página de informação específica. Tem uma estrutura normalizada, de maneira a que cada URL represente um endereço único em todo o planeta. Em português usa-se frequentemente o termo endereço. Por exemplo, o URL da página de acolhimento do Cienciapt.Net é: <http://www.cienciapt.net>.

WEB – designação abreviada para World Wide Web

WEB Site – Domínio – endereço de um servidor Web.

World Wide Web (WWW, WEB ou W3) – Info-rede global. Subconjunto da Internet, em que a informação é organizada utilizando ‘hyperlinks’, o que permite ao utilizador, através do clique no rato, saltar entre imagens, extractos de vídeo (vídeo clips), extractos de áudio (áudio clips), outras páginas, e outros endereços Web. Quando os serviços na Internet não são em WWW, só se pode utilizar informação em formato de texto.

WWW – designação abreviada para World Wide Web.

FACTOS E NÚMEROS - O ENSINO PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO

Revista E-Ciência | 9 Fevereiro 2006

O ENSINO DO PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO (EPE)

No que respeita ao ensino não universitário, o Ensino Português no Estrangeiro (EPE) remonta ao final dos anos 60 do século XX. Recentemente tem evoluído segundo dois eixos complementares:

- Superação dos desajustamentos que se acumularam na rede de Cursos de LCP (Língua e cultura portuguesas);
- Incrementação de uma estratégia de promoção do ensino do Português no estrangeiro, valorizadora do seu estatuto internacional, diversificada e articulada de modo a responder aos variados contextos em que actuamos e rentabilizando as iniciativas, contributos e recursos disponíveis.

Os cursos de Língua e Cultura Portuguesas (LCP) foram criados com vista a garantir o ensino/aprendizagem da língua e da cultura de origem aos luso-descendentes nos diferentes contextos da emigração portuguesa, numa perspectiva que tem sido a da língua materna (LM).

ENSINO DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE OPÇÃO EM VÁRIOS PAÍSES

Quanto à difusão do português como língua estrangeira de opção nos currículos dos diferentes países pode dizer-se que foram dados passos significativos que permitiram criar melhores condições de promoção do seu estatuto como língua de comunicação internacional. Ao mesmo tempo que a possibilidade de crianças e jovens de outros países poderem aprender a língua portuguesa através da sua introdução nos currículos tem contribuído para um maior sucesso educativo dos jovens luso-descendentes e valorização do estatuto social da língua portuguesa e dos seus falantes.

O português é ensinado em países da União Europeia (Alemanha, Áustria, Espanha, França, Irlanda, Luxemburgo, Reino Unido, Suécia) e do Leste Europeu (Bulgária, República Checa, Rússia), nos países do MERCOSUL, assim como no México, Chile, Canadá e em alguns estados dos EUA; na Ásia, o português é aprendido na Malásia, Tailândia e Vietname, em África, na África da Sul, Malawi, Namíbia, Senegal e Zimbábwe.



A LINGUA É O PRINCIPAL PATRIMÓNIO DE UM POVO

Edite Estrela, Eurodeputada | Revista E-Ciência | 9 Fevereiro 2006

Edite Estrela dá-nos o seu parecer acerca do “bem falar” português, apontando alguns dos canais privilegiados para a transmissão do português correctamente falado, bem como os factores que levam à má utilização da língua de Camões e Pessoa. Para a eurodeputada deve-se acreditar no futuro da Língua portuguesa no mundo.



Fala-se bom português em Portugal?

Em Portugal, como certamente acontece noutros países, há falantes que fazem um uso correcto da sua língua materna, mas também há quem não se preocupe sequer com isso. Pode parecer um paradoxo, mas é verdade que se fala bom e mau português. É verdade que a língua portuguesa é diariamente sujeita a tratos de polé por alguns dos seus utentes mais descuidados. Não há penalizações legais para a infracção, mas “há casos em que o erro é evidente e assim quem nele persiste é excluído do convívio geral”, como escreveu Vergílio Ferreira.

No seu entender o mau uso da língua portuguesa resulta de que factores?

De vários. Por um lado, da aprendizagem deficiente da língua materna e do desconhecimento do seu funcionamento. Como se lê pouco e se escreve cada vez menos, as dificuldades vão-se agravando. Quando tal acontece, caminha-se a passos largos para o analfabetismo funcional. Por outro lado, observa-se que muitos falantes se comportam em relação ao idioma com o mesmo laxismo que revelam no dia-a-dia. É aquela atitude tipicamente portuguesa de “deixar andar”.

O que a deixa mais indignada: o facto de os professores falarem mau português ou a imprensa escrever, em muitos casos, incorrectamente?

É igualmente grave. Os professores, porque a sua função é ensinar, corrigir, dar o exemplo, e não o

oposto. A imprensa, porque é lida por milhares de pessoas que podem interiorizar o erro e repeti-lo.

Colocando de lado a escola e a família, que outros canais poderão ajudar a melhorar o uso da nossa língua?

A televisão é a mais importante escola dos tempos modernos, veiculando modas, comportamentos, gostos, usos, formas de dizer. Pode ajudar se der bons exemplos. Mas pode ser muito prejudicial se divulgar erros sintácticos, morfológicos ou ortográficos.

Visto que a internet é, hoje em dia, um meio de comunicação privilegiado, acima de tudo pelos jovens, acha que deveria haver mais sites onde se ensinasse a falar e escrever correctamente a língua portuguesa?

Todos os dispositivos são úteis. Nunca é demais promover boas práticas linguísticas e estimular o gosto de bem falar e escrever a nossa língua materna. Acho que o www.ciberduvidas.com cumpre bem a função de esclarecer dúvidas e valorizar o correcto.

Em tempos participou num programa televisivo onde se ensinava o bom português. Acha que esse tipo de programas tem algum impacto nas pessoas?

A avaliar pela minha experiência, posso afirmar que as pessoas se interessam pelas questões do idioma e que acompanham atentamente os programas sobre o “falar português”.

A língua é a identidade de um povo, acha que o facto de não tratarmos bem a nossa língua se poderá reflectir na vivência da nossa sociedade?

As línguas são o principal património dos povos. Com a nossa língua materna construímos sonhos e projectamos ideais, exprimimos dúvidas e alicerçamos saberes. Em português nos afirmamos e somos bem recebidos ou rejeitados. Se não tratarmos bem o idioma, também não seremos capazes de defender e valorizar o nosso património cultural em geral.

Qual a sua opinião relativamente ao acordo ortográfico?

Sou favorável. A língua portuguesa só tem a ganhar com a aprovação de um código ortográfico válido e aceite por todos os países lusófonos. A ortografia tem muito de convencional. As alterações ortográficas são sempre provisórias e geram sempre contestação, porque interferem com os hábitos de escrita de cada falante e mexem com automatismos adquiridos em anos de prática. A aproximação ortográfica não interfere com a coexistência e legitimidade de várias normas linguísticas regionais, nem condiciona outros domínios como, por exemplo, a ortoépia e a prosódia. Escrever do mesmo modo não significa igualizar a pronúncia.

Vê algum futuro da nossa língua no mundo, ou seja, acha possível que, por exemplo, em Timor-leste o ensino do português vingue?

Como não acreditar no futuro de uma língua comum de oito países, falada por duzentos milhões de pessoas, espalhadas pelos cinco continentes? Como não acreditar no futuro da quinta língua mais falada no Mundo e que foi a primeira língua europeia a estabelecer o contacto com o Oriente. Como não acreditar no futuro de uma língua que no Século XVI deu a volta ao Mundo e deixou vestígios em mais de cento e cinquenta idiomas e dialectos do Oriente?

Na condição de eurodeputada, como é que acha que a língua portuguesa é tratada no seio da Europa?

Até este momento, pelo que tenho visto e ouvido, a minha avaliação é muito positiva.

Tenho encontrado intérpretes e tradutores muito competentes e empenhados em encontrar a palavra e a expressão adequada a traduzir novos conceitos. De tal modo interessados em bem servir a pátria de Pessoa que publicam “A Folha”.



O PORTUGUÊS E OS MESTRES

Francisco Belard | Expresso | 18 Março 2006

Grafias erradas, frases mal construídas, redundâncias, incongruências, falhas de concordância ou de regência e erros de tradução proliferam no português escrito e falado

Um livro recente procede à recolha e correcção de erros (pelos menos no entender do autor) verificados em Portugal na escrita e na fala. Refiro-me a **Gente Famosa Continua a Dar Pontapés na Gramática – Manual de Erros e Correcções de Linguagem**, de Lauro Portugal (Roma Editora, 2006, 222 págs., €13). Vem na sequência de outro livro do mesmo, **Gente Famosa Dá Pontapés na Gramática**, publicado em 2004, mencionado no actual “Actual” em crónica minha (18-9-2004) e comentado em brevíssima revisão por Fernando Venâncio (5-2-2005).

Escritor

(programa Livro Aberto, 26/002/05)

“Quanto mais a sociedade se *tecnificiza*, mais o livro tende para o maravilhoso”.

Dirigente de clube de futebol (SIC):

“Diverti-me. Ouvi-o *dizer de que*... uma série de disparates”

“Virada do Avesso”, Oficina do Livro

“Seja o Eduardo e o perigo *eminente* que representa...”

Correcto: “Seja o Eduardo e o perigo *iminente* que representa...”

Comentador desportivo (Antena 1, 06/04/02)

“Um Benfica a *precisar* de ganhar e um Santa Clara que *não precisa*, mas *tem necessidade* de ganhar”

Engenheiro – Fórum TSF, 18/09/03

“Acredito que *hajam* problemas reais em termos de dinheiros públicos...”

Correcto: “Acredito que *haja* problemas reais...”

TV Guia 28/02/05

“*Tratam-se* de quatro hilariantes pinguins, que tentam levar a cabo uma audaciosa fuga...”

Correcto: “*Trata-se* de quatro pinguins...”

Repórter – TVI, 11/11/04 (Jornal Nacional)

“Chirac *interviu* directamente e finalmente o primeiro-ministro assistiu a uma cerimónia...”

Correcto: *entrevista*

Jornalista (TVI):

“Foi *assassinado*, mas *não se sabe se está morto*”

Presidente de Câmara (V.N. Gaia)/Colunista

– “Correio da Manhã”, 03/06/04

“Neste caso, abundante *estratos* de escutas telefónicas foram profusamente publicitados...”

Correcto: “...abundantes *extractos* de escutas telefónicas...”

Relator de futebol:

“Chega agora a informação: o jogador que há pouco saiu lesionado sofreu uma *fractura craniana no joelho*”

Quanto a jornais, nesta escolha surgem exemplos do EXPRESSO, do “JL” e do “Público”, que na anterior tinham escapado ao castigo. Aparecem também editoras e universidades. Não poderei julgar em pormenor as escolhas e correcções propostas; concordo com muitas, mas discordo por exemplo do reparo ao “islamista”, que na terminologia política actual não é sinónimo de “islamista” (mulçumano). Como jornalista, observo fenómenos semelhantes. Ignoro se apontá-los à reprovação pública ajuda ao aperfeiçoamento dos que escrevem e falam, e serem “famosos” é talvez secundário; o principal é que os dislates surjam em obras ou media de grande difusão. Esperemos que mesmo um inventário parcial suscite a interpretação dos “pontapés” (sejam quais forem as designações que os linguistas lhes atribuíam) e alguma lição assimilável por políticos.

Jornalista (TVI):

“Os *sete* artistas compõem um *trio* de talento”

Apresentadora: SIC Mulher,

programa “Elas em Marte”, 28/02/05

“Há pessoas que durante uma fase da vida se queixam muitas vezes de *perca* de memória”
(E a senhora, embora não se queixe, não tem muitas vezes “*perda*” de memória?)

É que resisto a acreditar que não saiba que “perca” é nome de... peixe!

Presidente de Câmara (Porto) – TVI, 12/04/03

“Foi muito corajoso... Arriscou a *própria vida dele!*”

Os maus exemplos que Lauro Portugal regista farão sorrir muitos dos que tiveram aproveitamento no velho ensino primário (4ª classe). Alguns não têm que ver com ortografia nem com sintaxe; são frases irreflectidas, como a do futebolista que diz “Nós somos humanos como as pessoas”. Outros, porém, são erros dificilmente perdoáveis a profissionais da escrita (e/ou da fala em meios de comunicação com padrões mínimos de qualidade) como os jornalistas que dizem “Está a arder uma vasta área de pinhal de eucaliptos”, ou “As chamas estavam a arder”. Parte dos erros diz respeito a palavras mal escritas, como “atraiem” e “caiem” em vez de “atraem” e “caem”, ou “descriminação” em vez de “discriminação”. São “erros grossos” (gralha de um diário “República”, esses erros eram emendados por revisores, por vezes ex-tipógrafos que “só” tinham a instrução primária. Hoje são cometidos até por licenciados, mesmo em “Letras” ou “Línguas e Literaturas Modernas. E por escritores e jornalistas.

Convém notar que a reacção de muitos linguistas é mais a de registar e classificar esses e outros fenómenos, tidos por naturais (uma vez que acontecem), e não a de estudar as formas de atenuá-los em nome da “correção”, da “norma” ou de outros termos considerados mais científicos. Nesse campo, não vale a pena esperar muito das universidades, cujos centros de linguística continuarão a estudá-los com rigor, no fundo, indiferença. Quanto aos dicionaristas, melhores ou piores, irão registando as inovações mais frequentes e, no limite, eliminando as formas antes “correctas” mas

Jogador de futebol (FCP):

“O meu coração só tem *uma cor: azul e branco*”

caídas em desuso para substituí-las por outras que hoje julgamos erradas. A atitude descritiva e fenomenológica prevalece sobre a intenção normativa. Como “o povo faz a língua”, a moral da história é a vitória dos menos alfabetizados, desde que se imponham no campo dos *media*. Os demais tendem a encolher os ombros. Dir-se-á que os cientistas têm outras tarefas, mas a passividade é inaceitável nos pedagogos e sobretudo nos responsáveis governamentais e escolares.

No ensino (principalmente no básico e no secundário) não pode valer tudo o que o tornaria impossível ou inútil. Se, em ciências como em Geografia, não aceitamos a ideia de que a China tem fronteiras com o México, e em História, ciência “não exacta”, recusamos a data de 1842 para a Revolução Francesa (tal como em Aritmética negamos que 3 vezes 9 sejam 28), como é que em Português, ou em Língua Portuguesa, aceitamos tamanha flutuação e tanta imprecisão? O ensino básico

TVI – Jornal Nacional, 15/04/05

“Catalina Pestana tem um trunfo na manga e diz que o vai utilizar quando *depor*”.

Forma correcta: “...diz que o vai utilizar quando *depuser*”

Jornalista (sobre o caso Aquaparque):

“Os aquaparques têm feito, durante este ano, muitas vítimas. Que *o digam os dois mortos* registados este mês...”

**TVI: Jornal Nacional, 22/09/04
(rodapé) - “*Top’s* e mini saias”**

(“*Top’s*”? Quando é que em português se viu formar o plural de um substantivo apondo-lhe no final um apóstrofo seguido de um s? Nem em inglês, de onde nos chega o vocábulo, tal sucede.

Com efeito sabido é que na língua inglesa o apóstrofo é determinante de posse.

Correcto: “*Tops* e mini-saias”.

será momento para escrita tão “criativa”? Violar regras de gramática pode ser muito interessante, mas depois

Advogado - TVI, 08/06/03

“Nunca se pode tirar qualquer ilação que possa ser *conexionada* com estes factos...”

Correcto: *Conectada*, participio passado de conectar

de aprendê-las. Também a História contrafactual é fascinante, mas pressupõe conhecimento dos factos históricos para depois imaginar o que poderia ter acontecido se não tivessem... acontecido. Toda a conversa oficial e oficiosa sobre “requalificação” do ensino em Portugal será apenas conversa menosprezando a aprendizagem da língua e da literatura? As deficiências da escolaridade repercutem-se e ampliam-se nos meios de comunicação, nas traduções de livros, nas legendas de filmes.

Quanto ao que lemos nos jornais e nos livros, a discussão está há muito descentrada e desfocada. Muitas normas (porque elas continuam a existir, mesmo “sob forma tentada”, como diria um jurista) ocupam-se de coisas ridículas, como proibir que se escreva “stress”, determinar que “rei” e “reino” se grafem com minúsculas e “Presidente da República” com maiúsculas, decidir que “Bagdad” tem de ser “Bagdade” (e amanhã, se calhar, “Bagedade”), etc. Parte do esforço dos prontuários para revisores e dos “livros de estilo” para jornalistas consome-se em ninharias, por vezes sem sustentação científica de base. Pegue-se num jornal de referência. Pode ser o do dia em que comecei este artigo. Porquê “discriminações com base sexual”? Não devia ser “discriminações”? Porquê “há 37 anos atrás”? Não basta “há 37 anos”? Ou, na edição anterior, porquê “imundície” na pág. 5 e “imundice” na pág. 7? Se acham que tanto faz, contribuem para a desorientação dos leitores (incluindo professores e estudantes).

Não se veja nestas observações a obsessão com a ortografia que tem existido em Portugal. Quando há reuniões “lusófonas” sobre cooperação no ensino e na difusão do português, a falta de uma eficaz política da língua é geralmente dissimulada com questões de ortografia, como se esse fosse o principal problema, se é que é um problema real (que não aflige britânicos e norte-americanos), e logo vem a insistência no acordo ortográfico. Mas que dizer sobre um título como “*Slobo* terá tomado remédios que lhe agravaram a saúde”?

Presidente de Câmara (Marco Canaveses)

Aludindo ao facto de ter invadido um campo de futebol

“Nós temos direito à *indignidade*”

O que se agravou não foi a doença? Vem a propósito lembrar outro hábito de vários jornais, escrevendo que uma situação ou um problema “se agudizou”. Querem dizer que o problema se agravou; a diferença entre graves e agudos esbateu-se ao passar dos sons para a escrita...

A vantagem dos livros (diferentes no seu estatuto, úteis e discutíveis) publicados por autoridades linguísticas e por divulgadores de variadas qualificações, como Rodrigues Lapa, Cândido de Figueiredo, João de Araújo Correia, José Pedro Machado, Edite Estrela, João Andrade Peres e Telmo Mória, entre outros, é a de mostrar aspectos (ou “áreas críticas”) do que se passa na língua escrita e falada. Sem esquecermos gramáticas como a de Celso Cunha e Lindley Cintra, nem o trabalho do sítio Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Embora alguns filólogos se esfalfem (a meu ver demasiado) a aporuguesar “estrangeirismos”, o mais importante é permitirem entender que nem tudo se equivale, que há e haverá sempre formas preferíveis a outras (a par das totalmente indefensáveis). Há quem diga que “escrever bem” é expressão sem sentido. Mas mesmo quem o pensa prefere uns autores a outros e hierarquiza-os segundo critérios que incluem a qualidade da escrita e não só o interesse da narrativa ou a profundidade das reflexões (de resto, elementos não inteiramente dissociáveis). A proliferação do disparate e da incongruência revela os perigos de tomar os textos dos *media*, em vez dos melhores textos dos escritores, como exemplos para o uso escolar de quem aprende português. Mesmo um político pouco erudito pode compreender, se não for estúpido, que perante a amplitude do desvario é preciso ser mais exigente quanto a programas e manuais. Sem isso não teremos melhores professores nem melhores alunos. E os responsáveis jornalísticos deviam assumir a sua responsabilidade pela “cultura” do descuido e da incompetência nestas matérias.

SABE FALAR CHINÊS?

Cátia Mateus e Marisa Antunes | Expresso - Caderno Emprego | 13 Maio 2006

Falar mandarim ou espanhol é já um trunfo no mercado de trabalho. As escolas de idiomas têm cada vez mais procura



Já lá vai o tempo em que saber falar inglês ou francês fluentemente bastava para fazer um brilharete na empresa. A globalização e a emergência de novos mercados começaram a ditar outras exigências linguísticas aos profissionais da geração XXI, que hoje vão além do idioma de Shakespeare. São muitas as empresas que no momento do recrutamento já exigem outros “trunfos” linguísticos. E são, também, cada vez mais os profissionais que decidiram apostar por antecipação no enriquecimento dos seus currículos e aprender, por sua conta e risco, idiomas até agora pouco convencionais nas escolas portuguesas.

“O inglês continua essencial, mas o francês tem perdido para o castelhano, o russo começa a evidenciar-se cada vez mais e é indiscutível que o mandarim ainda não é um requisito exigido aos executivos, mas está a ganhar cada vez mais terreno”, resumiu Rafael Mora, director da Heiddrick & Struggles (confif).

Margarida Alberty, que dá o nome à escola de línguas Margarida's School, no Estoril onde se leccionam 13 idiomas diferentes, com 27 professores e uma rotatividade de 600 alunos por ano, confirma esta tendência: **“principalmente o castelhano está a ter cada vez mais procura por parte não só das empresas mas dos estudantes que já perceberam que é uma mais-valia no seu currículo quando mais tarde ingressarem na vida activa, além daqueles que pretendem tirar o curso de medicina em Espanha”.**

João Marques é um dos alunos de castelhano, na multinacional Kellogg's e à semelhança de outros colegas, está há um ano e meio a aprender o idioma, por incentivo da própria empresa. **“As pessoas têm a ideia que falar ou perceber o castelhano é fácil mas**

as coisas não são bem assim. Nós lidamos com os espanhóis no nosso dia-a-dia e por isso precisamos mesmo aprofundar o idioma”, conta o executivo.

Parceiro de turma de João Marques no ensino do hispânico, Manuel Mello Breyner está ligado ao desporto automóvel e desloca-se a Espanha pelo menos uma vez por mês. **“Tenho de saber bem o idioma por causa da assinatura dos contratos mas também devido aos todos os outros contactos, com a organização, mecânicos, etc”,** contou.

Na escola de Margarida Alberty o ensino é personalizado e as turmas são sempre reduzidas para que os alunos possam tirar o maior partido da aprendizagem que segue um método criado pela própria directora, licenciada em Filologia Germânica e fluente em sete línguas.

Há dois meses, para responder a vários pedidos, Margarida resolveu incluir no leque de opções linguísticas, o ensino do mandarim leccionado pela professora Zhu Fengxin. **“O mandarim é o futuro. As pessoas que vão à China com frequência para concretizar negócios sentem-se enganadas se não falarem a língua, por isso sentem mesmo necessidade de aprender o idioma”,** explica a responsável da escola, que tem seis professores a deslocarem-se às empresas ou às embaixadas para darem as aulas.

O Mandarim está a ter cada vez mais procura entre os portugueses que vêm a China como oportunidade

Também no Porto, os alunos já descobriram as potencialidades das línguas alternativas. A Faculdade

de Letras da Universidade do Porto (FLUP) tem uma oferta de 15 idiomas que abrangem o árabe, chinês, japonês, polaco, romeno, entre outros idiomas. Entre os mais procurados estão, segundo Marta Craveiro, porta-voz do Gabinete de Formação e Educação Contínua da FLUP, **“o mandarim e o árabe”**.

A responsável explica que **“os alunos destes cursos não têm um perfil único já que podem inscrever-se todos os interessados, a partir dos 16 anos”**. Todavia, Marta Craveiro reconhece que a preocupação das empresas em formar os seus quadros em línguas alternativas, é crescente. **“No ano transacto houve duas empresas que contactaram o GFEC mostrando interesse em que os seus colaboradores frequentassem o curso de chinês”**, explica.

Mas na verdade, o encanto do mandarim parece ir além da utilidade prática desta língua. Marlene Oliveira Macedo, rendeu-se aos encantos deste idioma. Licenciada em relações Internacionais, a jovem portuense de 30 anos acumula no currículo a aprendizagem de várias línguas. Aos tradicionais idiomas inglês, francês e alemão juntou o italiano, o neerlandês, e agora, o mandarim. Confessa que sempre teve interesse em aprender línguas novas e que **“o mandarim constitui um desafio, quer pela dificuldade, quer por achar que a curto/médio prazo a aprendizagem deste idioma pode resultar numa oportunidade em termos profissionais”**.

A jovem que integra o Gabinete do Portugal Fashion, na Associação Nacional de Jovens empresários (ANJE), tem uma actividade profissional ligada aos têxteis e preferiu não encarar a China como uma ameaça, mas antes como uma oportunidade expansão para a qual já começou a preparar-se. Desde Outubro que frequenta as aulas de mandarim e sabe que precisará, **“na melhor das hipóteses, de três a quatro anos**

até começar a dominar o idioma. Isto com muito empenho pessoal e muito trabalho de casa”, esclarece.

Ainda assim, esta curta aprendizagem já lhe permitiu alguma notoriedade numa recente visita a Xangai. **“Foi logo no início do curso, mas já sabia dizer bom-dia e obrigado, mas este acto de vontade foi bem interpretado pelos locais”**, relembra. A jovem profissional é da opinião que **“o simples acto de tentarmos falar a língua do país onde estamos é muito positivo num relacionamento comercial já que simboliza uma tentativa de entendimento e há alguns povos que dão muito valor a isso”**. Para lá do gosto pessoal que tem em aprender esta língua, Marlene espera poder aplicar o mandarim, **“quem sabe ajudando as empresas nacionais a estabelecer relacionamentos negociais com a China”**.

É esta vantagem competitiva em termos profissionais que leva muitos alunos à Associação Centro de Cursos Livres (CCL), sedeadada no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, em Lisboa (ISCTE). **“O centro tem, neste momento, cerca de 3000 alunos que procuram, essencialmente, aprender idiomas como árabe, japonês, mandarim e russo”**, explica Ana Jaleco, do departamento de comunicação do CCL.

A responsável explica que este interesse pelas línguas alternativas se tornou maior nos últimos dois anos e acrescenta que **“a aprendizagem destes idiomas poderá constituir uma ferramenta preciosa em termos de mobilidade profissional nos vários países da EU, particularmente no actual contexto de criação do passaporte de línguas EUROPASS”**. A curiosidade, a profissão e as questões pessoais lideram as razões que levam à aprendizagem destes idiomas.

一 二 三 四 五
六 七 八 九 十



A LÍNGUA CANIBAL

Como quem diz, por Miguel Esteves Cardoso | Expresso | 18 Março 2006

Uma coisa é certa: se o castelhano não tem cura, a culpa não é nossa.

O “site” do nosso Presidente dá lugar de honra à entrevista que ele deu ao “ABC”.

Também a primeira audiência oficial foi dada à Espanha. Felipe de Borbón, claramente comovido, foi generoso: “Vim oferecer todo o apoio da Espanha em tudo o que seja significativo para as relações bilaterais”. Ora deixemo-nos cá ver – já que estamos obviamente tramados com os espanhóis – em que é que o moço nos poderá ajudar.

O maior obstáculo continua a ser a língua. O castelhano, como se sabe, é uma língua com muitos defeitos – sobretudo para quem fala português – e quanto mais cedo começarmos a corrigi-la, melhor para o entendimento peninsular. A solução é um acordo linguístico entre os dois países.

A mania mais irritante dos espanhóis tem a ver com a tonicidade: como se já não bastasse o gin ser Larios, temos também de levar com água tónica La Casera? Com as palavras acontece o mesmo. Quando são iguais, eles arranjam maneira de as tornar irreconhecíveis. Começando logo com o Professor Cavaco Silva, veja-se como pronunciam “canibal” como quem diz “Aníbal”. Não está certo. Em vez de rimar “atmosfera” com “esfera”, rimam-na com “fósfora”: “atmósfera”. É ridículo.

É inaceitável. Como podem eles dizer “terapia” a rimar com “prosápia”; “atrofia” a rimar com “bófia”; “fobia” a rimar com “sobe-a” e, em vez de “herói”, “héroe”? Até pronunciam “cameraman” como se fosse uma parte do abdómen: “camerámen”. Nem à traqueia fica bem soar a pum (“tráquea”). Demonstra falta de nível dizer “nível” como se fosse uma marca de velas fabricadas em Niza. Um imbecil perde estupidez essencial se for um “imbecil”. Só falta dizerem “crocodilo”.

A democracia já é suficientemente barulhenta, escusando de ser gritaria de “democrácia”. Em contrapartida, a burocracia em português pouco perderia em soar mais crassa e poderia passar a ser “burocrácia” e “burócrata”. Aqui entramos nas concessões que nós portugueses teremos de fazer se quisermos tornar a língua castelhana mais civilizada. Podemos ceder, por exemplo, dizendo “estereotipo” em vez de “estereótipo”, que, muito francamente, soa a espanholada.

Eles que passem a dizer “hemorragia” em vez do horrendo “hemorrágia” e nós, atendendo ao inglês, poderemos dizer “futebol” com tónica no “foot”. No mesmo pé, faz todo o sentido “ortopédia” em vez de “ortopedia”. Podemos até fingir que dizemos “batraquio” e, com grande sacrifício, passar a dizer “batráquio”. Se eles abandonarem, de uma vez por todas, o vício de dizer “teléfono”, “crisantémo”, “mediócre”, “textíl”, “misíl” e “epidémia”, nós talvez possamos considerar dizer, por exemplo, “leucémia”, “impár”, “rúbrica”, “taquicárdia” e até “psicópata” para afastar, de uma vez por todas, a imagem da pata tresloucada.

Outra área em que se deverá chegar a acordo é a dos géneros. Os castelhanos têm uma enorme dificuldade em atribuir o sexo correcto às palavras e isso tem de acabar. Faz algum sentido tornar o sal, tão masculino, em menina? Mas é “la sal” que os espanhóis dizem. E quem diz tal coisa também lhe sai da boca fora monstruosidades como “la postal”, “la nariz”, “la sangre”, “la masacre” ou “la leche”. O que é que se há-de fazer? É o “la costumbre” deles.

Outro problema terrível que têm é com as palavras acabadas em “agem”, às quais reagem atirando-as lunaticamente para o masculino. É “el emalage” para aqui, “el masage” e “el maquillage” para ali e é preciso

“el corage” para suportar o ultrage de “el embalage”, “el viagem” e “el paisage”. Dirão que é aqui que os portugueses podem ceder – passando a dizer “o hospedagem”, “o aprendizagem” e outros dislates – porque também franceses e italianos consideram masculinas quase todas estas palavras. Paciência. Estão todos tragicamente enganados, excepto no pajem. O resto é absolutamente feminino.

Como então negociar com os espanhóis para eles deixarem de dizer, escandalosamente, “el ponte”, “la miel”, “el dolor”, “la lumbre” e, em vez da valsa, “el vals”? Nalgumas transexualidades teremos de ceder.

Talvez possamos prescindir da masculinidade de algumas palavritas e passar a dizer “a silicone”, “a ênfase”, “a ioga” e “a hamburguesa” se eles desistirem de aleivosias como “el pétalo” e “el análisis”. Como prova de boa vontade, até podemos ceder na zona tórrida das palavras acabadas em “agem” e passar a dizer “o homenagem”.

Ou pensando bem, talvez não. Se calhar, este desentendimento tem as suas vantagens multisseculares. Quem sabe? Uma coisa é certa: se o castelhano não tem cura, a culpa não é nossa.

“LISBONIZAR” A EUROPA

Edite Estrela | Diário de Notícias | 2 Abril 2006

A Europa está mergulhada numa grave crise. As causas são conhecidas, mas nem todas assumidas e discutidas nos fóruns competentes. As instituições europeias identificam-se mais com a metáfora da cegonha do que com a do toureiro ibérico. Fingem que não vêem o óbvio, em vez de agarrarem os problemas pelos ditos.

As tensões sociais em França – de que o “não” ao referendo foi um primeiro sinal – interpelam-nos: Que fazer para tirar a Europa da crise? Será a Europa capaz de se reformar e enfrentar o desafio da globalização e das economias emergentes? Como convencer os cidadãos de que as reformas são inevitáveis e urgentes? Como contrariar o “patriotismo” económico?

Ao propor a mudança de paradigma económico, assente no conhecimento e na inovação, a Estratégia de Lisboa parece ser a melhor resposta para tanta dúvida. Por isso lhe quiseram mudar o nome, europeizá-la, sonegando-lhe a identificação do país de origem. Foi o reconhecimento da sua importância. A tentativa falhou e a língua hegemónica rendeu-se: “to lisbonize”, disseram. E nós respondemos que sim, que é preciso “lisbonizar” a Europa.

Gosto do verbo “lisbonizar”. Primeiro estranha-se, e depois entranha-se. Impõe-se à razão, porque obedece às regras de formação de palavras portuguesas e cativa-nos pelo lado da emoção patriótica, porque possui ressonâncias que evocam a Lisboa de David Mourão-Ferreira. Delicia-me ver Lisboa mulher menina e moça, portuguesa como poucas, a impor-se aos burocratas de Bruxelas. Agradam-me o significante e o significado, moderno, a remeter para a inovação, investigação, desenvolvimento, competitividade, objectivos ambiciosos e louváveis intenções da Estratégia, que Lisboa gerou e a Europa adoptou. Enche-me de orgulho que a mais recente cartilha europeia nomeie Lisboa quando olha o futuro. E assim se vai lisbonizando a União, lenta e receosamente, como se viu na recente Cimeira da Primavera, com a velha (e sobretudo a nova) Europa vestida com têxteis da China, mas cheia de medo da livre circulação de trabalhadores.

As línguas são realidades dinâmicas em constante renovação, o que torna a criação de neologismos inevitável e até desejável, quando é necessário nomear uma nova realidade. Pretender reduzir a

língua portuguesa ao dicionarizado é não perceber o que é uma língua viva e não compreender o que se passa num mundo globalizado. Porque “a vida é um dicionário em movimento”, na definição lúcida de Pomar, não é possível aprisionar o idioma, quando o novo mundo nos interpela com novos conceitos, num permanente desafio à vitalidade da língua e à criatividade dos falantes. “Os povos que dependem económica e intelectualmente de outros não podem deixar de adoptar, com os produtos e ideias vindas de fora, certas formas de linguagem que lhes não são próprias”, defende Rodrigues Lapa, ao mesmo tempo que adverte para a necessidade de “vestir” o estrangeirismo “à portuguesa”.

A criação de neologismos deve fazer-se a partir do latim e do grego de outras palavras já existentes na própria língua. É o caso. “Lisbonizar” é tão legítimo como outros verbos recentemente adoptados: *receptionar*, com o sentido de “receber”, *direccionar*, “virar para”, *reposicionar*, “colocar de novo”, *promocionar*, “assegurar a promoção”, “gerir”, *concepcionar* “conceber”, *contingentar*, “estabelecer cotas”.

Os neologismos – “esses novos meios de expressão, inventados por quem fala e escreve um idioma”, nas palavras de Rodrigues Lapa – representam um dos aspectos mais complexos e controversos do léxico de qualquer língua. A condição de neologismo de uma dada palavra representa uma das facetas mais transitórias de uma língua. É difícil afirmar, em cada, momento, o que é neologismo, o que já deixou de o ser e o que está a tentar entrar na língua, mas, provavelmente, irá

ser rejeitado. É um jogo não arbitrado por ausência de uma instância de legitimação.

Sendo a língua um sistema aberto dotado de capacidade reprodutiva, é natural que, por um processo continuado de auto-regulação, certos termos entrem em desuso e surjam outras formas mais consentâneas com as exigências de verbalizar novas realidades. Ou que sejam atribuídos novos sentidos a vocábulos existentes: *correr* um programa de computador, *navegar* na Internet, *trabalhar em rede*; *ícone* e *janela* (na linguagem informática); *portal* e *sítio* (usados no universo da Internet), são alguns exemplos.

Com o tempo, os neologismos vão-se integrando e o falante vai perdendo a sensação de estranheza que o “novo” inevitavelmente provoca. Quem se recorda ainda de que *automóvel*, *envelope* e *aeroporto* foram neologismos?

A rápida circulação da informação exige mais atenção ao que se diz e ouve e ao que se escreve e lê, mas também influencia inevitavelmente os modos de dizer e escrever. A criação de novos termos é de sempre e acontece com todos os idiomas, incluindo o francês, o mais defendido institucionalmente. No *Le Monde*, só em 1998, foram registados, mais de dois mil neologismos.

“Lisbonizar” é, pois, preciso. E, sempre que possível, a rimar com feminizar e aportunugar, dois dos outros verbos da minha preferência.



CARMONA QUER MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA EM LISBOA

Alexandra Carita | Expresso | 13 Maio 2006

O presidente da CML e a ministra da Cultura vão a S. Paulo travar contactos

A comitiva portuguesa que se desloca segunda-feira a São Paulo para inauguração do Museu da Língua Portuguesa – Estação da Luz, integra o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Carmona Rodrigues, e a ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, entre outras individualidades. Mais do que estar presente na inauguração do novo museu, um projecto da Fundação Roberto Marinho (detentor do maior grupo brasileiro de “media”) e da Secretaria de Estado da Cultura de S. Paulo, os governantes portugueses vão em busca de possíveis parcerias.

O gabinete de Carmona Rodrigues avançou ao EXPRESSO que o Presidente está a estudar a viabilidade da construção de um espaço semelhante ao agora inaugurado em São Paulo na cidade de Lisboa.

Carmona Rodrigues quer perceber *in loco* quais os principais moldes em que o projecto assenta, para depois poder estudar melhor a versão portuguesa do Museu da Língua Portuguesa, que, ainda segundo o gabinete do presidente, seria desenvolvido em parceria com o Ministério da Cultura. O EXPRESSO sabe ainda que o local em vista para a instalação desse espaço museológico é a estação do Rossio, propriedade da Refer.

Contudo, Isabel Pires de Lima diz que “não há qualquer projecto de articulação entre a autarquia lisboeta e o Ministério no sentido da criação de um museu dessa natureza”. A ministra da Cultura reconhece, no entanto, que “interessaria imenso a Portugal ter uma estrutura desse nível”. E adianta: “Uma das razões da visita a São Paulo, para além de ir em representação de Portugal, é conhecer detalhadamente o projecto do museu, que apresenta várias valências que podemos aproveitar para introduzir em estruturas nacionais. Vou tentar perceber até que ponto o Museu da Língua Portuguesa pode ser integrável em organismos nossos”.

Os contactos que a ministra da Cultura vai desenvolver privilegiarão encontros com Roberto Marinho e a administração da sua fundação, bem como com a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.

As participações portuguesas no projecto do Museu da Língua Portuguesa pertencem a instituições privadas, à CPLP e ao Instituto Camões. A Fundação Calouste Gulbenkian participou com um milhão e 500 mil reais (587 mil euros) e a Fundação Luso – Brasileira contribuiu com apoio institucional.



FICHA TÉCNICA

Título: Em dia com as línguas, N.º 55 (Janeiro / Junho 2006)

Organização: Luísa Solla (Departamento Línguas da Escola Superior de Educação)

Apoio: Ana Isabel Santos (tratamento de texto)

Design Gráfico: Eduardo Hall (SIRE - Sector de Informação e Relações Exteriores)

Periodicidade: Semestral | **Data:** Junho 2006